

Imagem e futuro

"Espaço, última fronteira. Estas são as viagens da astronave Enterprise durante a sua missão de cinco anos, com o objetivo de explorar novos mundos, em busca de outras formas de vida e novas civilizações, até onde nenhum homem foi antes".

Muitos conhecerão o intróito da saga bem sucedida de ficção científica de "Star Trek", que desde meados dos anos 1960 encheu o imaginário coletivo de sugestões tecnológicas, científicas, políticas e sociais do futuro da humanidade.

O mundo de "Star Trek" situa-se entre 2150 e 2300, isto é, entre 130 e 280 anos depois de nós. Nessa época, a humanidade, de acordo com a visão do futuro proposta pela série, terá encontrado uma harmonia planetária que permita o seu desenvolvimento em direção ao conhecimento da galáxia, além das fronteiras do Sistema Solar.

Um dos personagens mais famosos da série, o capitão Jean-Luc Picard, explica que em 2300 "o dinheiro não existe e que a aquisição de riqueza não é mais a força motriz da vida". Mas que o sentido da vida consiste em trabalhar para nos melhorarmos e ao resto da humanidade". Com base nesse modelo económico, os bens materiais e o dinheiro não existem mais e a humanidade saiu de sua infância. As pessoas já não estão obcecadas com a acumulação de coisas materiais e eliminaram com sucesso a fome e a necessidade de posse. A Federação dos Planetas, com capital na Terra, é um âmbito de cooperação entre espécies humanóides de um quadrante da galáxia, nas fronteiras da qual existem outras espécies (Romulanos, Klingons, Cardassianos) com os quais se alternam períodos de guerra e paz.

A dos autores da série "Star Trek" não é, obviamente, a única visão do futuro que conhecemos.

Gostaria agora de apresentar alguns exemplos de futuros propostos pelo imaginário cinematográfico e das séries de televisão (mais ou menos famosas) e pelo debate social e político.

A série de televisão "3%" é ambientada num mundo devastado, onde 97% da população é forçada a viver numa gigantesca favela em condições de

miséria, enquanto os restantes 3% vivem num paraíso na terra, o "Offshore". Todos os anos, aqueles que atingem a idade de vinte anos têm a oportunidade de passar para o melhor lado através de um processo de seleção muito complexo, de modo que aqueles que passam para o Offshore são seres superiores, puros e livres de defeitos. Uma resistência clandestina tenta quebrar esse esquema.

"The Expanse" também está ambientada, como "Star Trek", em 2300, mas a sua visão não é igualmente otimista. A humanidade, graças aos avanços tecnológicos, iniciou a colonização do Sistema Solar. Mas entre os habitantes da Terra, os das colónias de Marte e da Cintura de Asteróides existe um clima de tensão e guerra fria, resultado de ofensas, supremacias e usurpação de recursos.

"Altered Carbon" é ambientada em 2384 e, nesse futuro, a consciência humana pode ser codificada, carregada num dispositivo inserido cirurgicamente na coluna vertebral e depois transferido de um corpo para outro. Memórias e consciência são "inseridas" em novos corpos sintéticos, clonados ou naturais, que são considerados meras proteções da mente. Graças a isso, os seres humanos sobrevivem à morte física. A destruição do dispositivo envolve a "morte real", que é a morte da identidade, bem como da proteção. Apenas muito poucos podem pagar por essa tecnologia cara, os ricos e poderosos "Mat" (Methuselah), o que os torna virtualmente imortais, quase deuses.

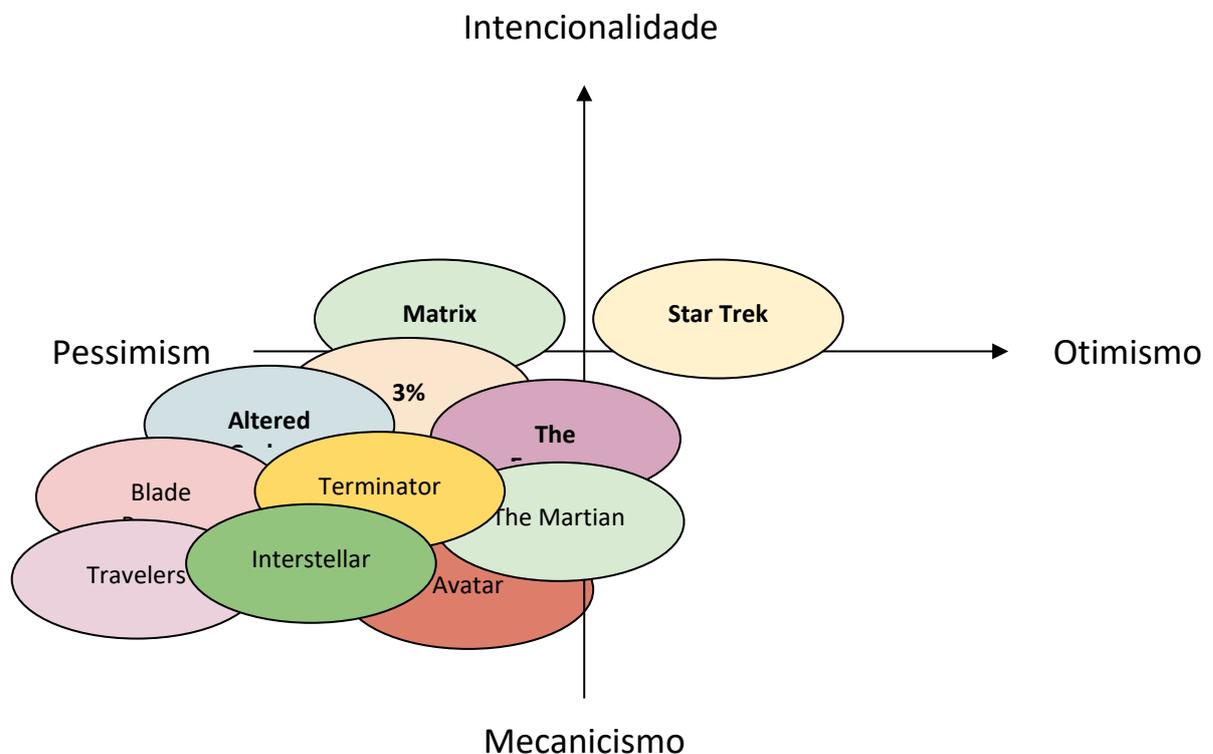
Concluo esta breve visão geral dos exemplos com o filme "Matrix".

Explicar "Matrix" para aqueles que não o viram não é fácil.

Estamos em torno de 2200, os seres humanos lutam numa guerra contra os robôs criados no século 21 e equipados com Inteligência Artificial. A paisagem terrestre é desoladora e devastada pelos seres humanos que obscureceram o sol para impedir que os robôs extraiam a energia com que se alimentam. Os robôs prenderam os humanos, usando-os como fonte de energia e "cultivando-os" em campos de incubação para aproveitar o calor e a bioeletricidade natural. O mundo em que os seres humanos acreditam que vivem é, na realidade, Matrix, uma neurosimulação interativa introduzida nas suas mentes para manter calmos e ocupados os seres humanos cultivados.

Uma resistência que vive nas profundezas do planeta tenta, através de uma espécie de guerra ciber-mental, vencer a guerra contra a inteligência artificial.

Tentei diagramar estas visões do futuro, adicionando outras, representando-as em termos de otimismo e intencionalidade. Para este último aspecto, atribuo um significado de presença ou não do elemento humano como agente transformador da realidade. Nesse sentido, por intencional refiro-me mais propriamente a "não-natural", portanto, o oposto do mecânico. E é a definição que sinto mais próxima do Ser Humano: transformador, revolucionário, essencialmente liberdade e projeto.



As representações do futuro em filmes e séries de televisão têm algumas coisas em comum: quase todas imaginam o futuro de maneira sombria e catastrófica. Eu não mencionei "Blade Runner", talvez o antepassado das visões "distópicas".

Em "3%" o futuro da humanidade é imaginado numa favela.

Em “The Expanse”, a situação de hoje é mecanicamente projetada na época da colonização do Sistema Solar, transferindo os atuais mecanismos económicos, sociais e psicológicos para um tempo futuro. Na prática, não se melhora: as relações violentas de hoje permanecem mais ou menos iguais.

Em “Altered Carbon”, há um enorme avanço tecnológico não acompanhado por um correspondente progresso social e económico. Indivíduos super-ricos e super-poderosos que possuem uma espécie de imortalidade, com a qual aumentam sua riqueza e o seu poder, em face da grande maioria da população que não se pode permitir aceder e vive em condições precárias. Um futuro de imortalidade, violência e desigualdades.

Em “Matrix”, prevê-se um futuro fantasmagórico desumanizado, onde os seres humanos são enganados e reduzidos a plantas pela Inteligência Artificial que os domina, num planeta devastado.

Vamo-nos mover agora dos mundos imaginados pelos escritores de ficção científica para as perspectivas um pouco mais terra-a-terra que estão a surgir hoje. Vou tentar uma generalização: sintetizar algumas visões presentes na discussão pública que, entre manipulações e reelaborações, os vários atores político-sociais cavalgam ou submetem à opinião pública.

Pela **direita** surge um futuro sombrio: a sociedade está a tornar-se um caos sem controlo. A tecnofinança e os obscuros senhores do mal estão a colocar em risco os antigos valores da família e do país. Prevê-se um futuro de "hibridização", o desaparecimento de tradições antigas e um estilo de vida anónimo, globalizado e sem raízes.

A **esquerda** denuncia a perda de conquistas democráticas e sindicais, dos direitos humanos, a disseminação do ódio e o retorno do fascismo. Prevê no futuro uma catástrofe sem retorno nos braços belicistas do nacionalismo.

Os **ecologistas** denunciam uma alteração sem retorno do equilíbrio do planeta e uma perspectiva de extinção da espécie humana. Ambivalente do ponto de vista da intencionalidade: porque se, por um lado, eles vêem o ser humano como o real motor de transformação do planeta (destrutivo, neste caso) e, portanto, um ser não-natural, por outro eles prevêem a sua extinção natural como se fosse uma espécie como todas as outras.

Há também um otimismo mecanicista, tipicamente expresso pelo pensamento **neoliberal**, que prevê um radiante futuro de bem-estar graças ao dinheiro e às forças "naturais" do mercado livre que "naturalmente" levarão a riqueza de cima para baixo.

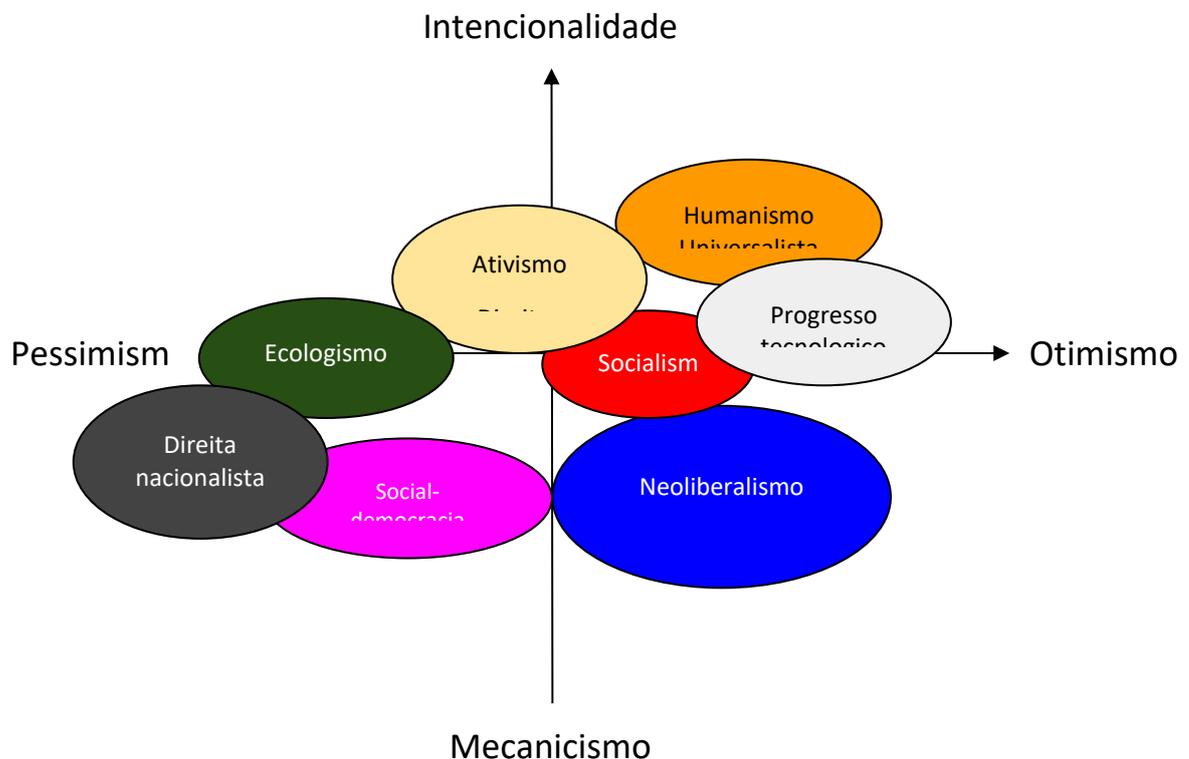
Por agora, já sem a força de outro tempo, podemos mencionar a visão **socialista-comunista**, que prevê a revolução dos oprimidos, a coletivização de recursos e a libertação da humanidade em direção ao "sol do futuro".

Uma visão otimista do futuro visualiza a tecnologia como a força motriz por trás da transformação positiva da sociedade. No entanto, não está claro qual será o destino do ser humano nesta visão: será o motor da transformação e da tecnologia uma prótese da sua intencionalidade ou sucumbirá ao esmagador poder das máquinas, da tecnologia e da inteligência artificial?

O **ativismo** social entrevê uma possibilidade efetiva de mudança através da ação humana. No entanto, é em grande parte tomada por um desalento epocal e, embora continue a sua ação social de defesa dos direitos humanos, não é otimista e encontra agora um sentido apenas quase "espiritual" para a sua ação no mundo.

Os **humanistas**, entre os quais eu me coloco, são otimistas e acreditam na mudança pessoal e social. E acreditam que essa mudança não será automática ou mecânica, mas dependerá da ação humana. E não só. Reconhecem que é precisamente a ação coerente, que traz crescimento e superação da dor e do sofrimento em si mesmo e nos outros, e modificará a visão do mundo e do futuro.

Declarar o próprio otimismo em relação ao futuro é um ato de fé. Tal como acontece com aqueles que têm uma visão catastrófica do futuro. Nós realmente não sabemos como as coisas estarão, ninguém voltou de 2300 para nos dizer como isso acabou. O ser humano é intencional e constrói o seu futuro. Entre sucessos e fracassos. Mas sempre em evolução.



Podemos, portanto, reconhecer que todos temos imagens do futuro que convivem connosco: elas são parte da imaginação pessoal, mas ao mesmo tempo participam do mesmo espaço de representação coletiva.

Podemos pensar no futuro distante como no que faremos esta noite. Seja a imagem de um copo de água fria quando estamos com sede ou um desejo de bem-estar para nós e os nossos entes queridos: é sempre uma imagem mais ou menos complexa que guia a nossa ação no mundo.

Podem ser imagens neutras, negativas ou positivas; com uma carga de sofrimento ou afeto e felicidade. Podemos imaginar coisas que acreditamos serem possíveis, mas também podemos imaginar coisas que não consideramos possíveis.

As imagens do futuro desta época, no nosso contexto cultural ocidental, tendem para o negativo, o escuro, o catastrófico, com tonalidades diferentes, dependendo da paisagem de formação e da nossa biografia coletiva. Se esses tipos de visões operam e atuam, e não as positivas, é porque nos encontramos na fase final de um tipo de civilização.

O conjunto de imagens negativas do futuro, sejam elas quais forem, tem um sabor de final, conclusivo e não solucionável. E essas imagens, como qualquer atividade que denominamos "humana", são intencionais. Então elas surgem da consciência para resolver algo, elas têm uma tarefa. As visões obscuras do futuro da humanidade, portanto, cumprem uma função, a de levar a termo a trajetória desta civilização.

Mas os sinais de uma nova civilização nascente também podem ser vistos no caótico imaginário coletivo.

Se por um lado há uma adição preocupante às imagens negativas, por outro lado a "recusa" dessas imagens também cresce, uma recusa que tem um valor positivo. A rejeição da violência, por exemplo. Ou a recusa de usar os outros para se ser catapultado para a cúpula social.

Em última análise, a busca de novas experiências de vida e de relações, de novos horizontes possíveis, a investigação de novas trajetórias de civilização, a expressão de novas formas de espiritualidade, são os sinais perceptíveis da intencionalidade que constrói novos caminhos para a humanidade.

Para finalizar, gostaria de compartilhar convosco imagens do futuro que me inspiram. É um diálogo extraído de "O Dia do Leão Alado" de Silo, um autor de referência para o humanismo contemporâneo que, na sua produção literária, também quis dedicar-se às histórias de ficção científica:

"- Bom dia, sra. Walker.

- Bom dia, Sr. Ho.

- Imagino que terá visto as notícias da manhã. Sim, claro. Suponho também que, respondendo à consulta diária, terá decidido influir no assunto das colônias planetárias.

- Isso mesmo, Sr. Ho. Isso mesmo. Ninguém nesta terra vai apoiar nenhum esforço nesse sentido, até que se acabe com a monstruosidade de haver um só ser humano abaixo dos padrões de vida de que todos gozamos.

- Como me alegra ouvi-la, sra. Walker." Quanto me alegro! Mas, diga-me, em que momento começou tudo a mudar?... Quando nos demos conta de que existíamos e que, portanto, existiam também os outros? Agora eu sei que existo, que estupidez! Não é verdade, Sra. Walker?

- Não é nenhuma estupidez. Eu existo porque você existe e vice-versa. Essa é a realidade, tudo o resto é uma estupidez. Eu acho que os rapazes de ... como é que se chamava? Algo como "Inteligência Entorpecida"?

- O Comité para a Defesa do Sistema Nervoso Débil. Ninguém se lembra deles, por isso eu dediquei-lhes um poema.

- Sim, sim. Bem, os rapazes desenrascaram-se para deixar as coisas claras. Na verdade, eu não sei como fizeram isso, mas fizeram-no. (...)

- É assim, é assim. Toda a organização social, se é que podemos chamar-lhe assim, está em colapso. Em tão pouco tempo está a desarticular-se completamente. É incrível! Mas esta é uma crise que vale a pena viver. Alguns assustam-se porque acreditam que vão perder alguma coisa, mas o que podem perder? Neste momento estamos a moldar uma nova sociedade. E quando tivermos arrumado bem a nossa casa, daremos um novo salto. Então, sim, virão as colónias planetárias, as galáxias e a imortalidade. Não me preocupa o facto de podermos, no futuro, cometer alguma nova estupidez porque então teremos crescido e, ao que parece, a nossa espécie desembaraça-se justamente nos momentos mais difíceis.

- Eles começaram com os programas do espaço virtual. Montaram-nos de tal forma que todo o mundo quis pôr-se a jogar e, de repente, as pessoas perceberam que não eram figuras planas recortadas. Aperceberam-se de que existiam. Os rapazes foram o fermento de algo que certamente ia acontecer, caso contrário a velocidade do fenómeno não se explicaria. As pessoas agarraram tudo nas suas próprias mãos, já era a hora! (...)

- Já que é a primeira vez que falamos, vai parecer-lhe excessivo se eu lhe pedir um grande favor?

- Vá lá, Sra. Walker. Estamos a viver num novo mundo e ainda nos custa um pouco encontrar formas livres de comunicação pessoal.

- Podia ler-me os seus poemas? Imagino que sejam ineficientes, arbitrários e, acima de tudo, reconfortantes.

- Isso mesmo, senhora Walker. Eles são ineficientes e reconfortantes. Leio sim, um dia destes. Desejo-lhe um lindo dia."

Obrigado.

Lorenzo Palumbo